

**Maristela, Kino Filmes e Multifilmes**



Por **AFRÂNIO CATANI\***

*Comentário sobre o cinema industrial paulista na década de 1950*

## 1.

O cinema também participa da efervescência cultural e artística que se observa na cidade de São Paulo após 1945, ocasião em que se assistiu ao nascimento de dois museus de arte, de uma companhia teatral de alto nível, à multiplicação de concertos, escolas de arte, conferências, seminários, exposições, revistas de divulgação artística e cultural, à criação de uma filmoteca, à construção de uma moderna casa de espetáculos e à inauguração de uma bienal internacional de artes plásticas.

O surgimento da Companhia Cinematográfica Vera Cruz, em 1949, apoiada pela elite financeira paulista e contando com o interesse da intelectualidade da época, propiciou a criação de duas outras grandes empresas, a Companhia Cinematográfica Maristela e a Multifilmes (a Kino Filmes, em sua vida efêmera, se valeu dos estúdios da Maristela), além de permitir e estimular o aparecimento de vários produtores ditos “independentes”.

Há que se acrescentar, também, o desencadeamento, na década de 1950, de todo um aparato de legitimação e difusão cultural na área cinematográfica, destacando-se, entre outros, cineclubs, concursos, prêmios, festivais, congressos, legislação, comissões e grupos de trabalho, publicações especializadas, críticos e associações de classe.

## 2.

Capitaneada pela família Audrá (industriais, proprietários de terras, de empresas de transportes etc.), a Companhia Cinematográfica Maristela (Ltda. e, posteriormente, S. A.) surgiu em 1950 nas trilhas abertas pela Vera Cruz pouco menos de um ano antes, tentando imitá-la. Um grande aparato de produção foi montado e se gastaram quase 30 milhões de cruzeiros.

Constituíram-se grandes estúdios no distante bairro de Jaçanã, contratou-se um quadro fixo considerável (cerca de uma centena e meia de atores e técnicos, boa parte dos quais de origem estrangeira), observou-se uma atividade social intensa desenvolvida junto a jornalistas, críticos, cineastas e produtores (nacionais e estrangeiros), montou-se uma razoável máquina de propaganda e produziram-se quatro ou cinco filmes : essas foram as principais características da primeira fase do trabalho desenvolvido pela família Audrá e por Mário Civelli (1923-1973) - evidentemente, com menos brilho,

# a terra é redonda

mundanismo, pompa e estardalhaço que a Vera Cruz.

O retorno do capital não foi o esperado e a situação se contorna, pela direção da empresa, com a demissão de mais de uma centena de empregados: chegava ao fim a primeira fase das atividades da Maristela (final de 1950 a meados de 1951), tendo produzido em seus estúdios *Presença de Anita* (1951), *Suzana e o Presidente* (1951), *O Comprador de Fazendas* (1951) e *Meu Destino é Pecar* (1952), além de alugar os equipamentos para os realizadores de *A Carne* (1952).

Na segunda fase (final de 1951 e parte de 1952) apenas *Simão, o Caolho* (1952), dirigido por Alberto Cavalcanti, foi produzido pela Maristela. Além dele, *Areão* (1952) e *O Saci* (1953) também se terminaram com equipamentos alugados junto aos estúdios de Jaçanã. Apesar de não ter dado prejuízo, a bilheteria alcançada com *Simão* ficou longe do mínimo necessário à amortização dos prejuízos acumulados na primeira fase.

Assim, a família Audrá decidiu vender seus estúdios e equipamentos para uma nova Companhia que se constituía, a Kino Filmes, tendo à frente o cineasta Alberto Cavalcanti e um grupo de capitalistas. Entretanto, a Kino também não conseguiu ir muito além: Cavalcanti dirigiu apenas duas películas, *O Canto do Mar* (1953) e *Mulher de Verdade* (1954), fracassando comercialmente em ambas. A diretoria da Kino, por não ter como continuar a pagar as prestações previstas no contrato firmado com os antigos proprietários da Maristela, devolveu-lhe o imóvel e seus outros ativos. Essa fase abrangeu o final de 1952, todo o ano de 1953 e alguns meses de 1954.

1954: Marinho Audrá (1921-2004), o filho mais novo da família Audrá e quem a lançou no negócio cinematográfico, consegue, finalmente, administrar a Maristela sem a interferência de seus parentes. Foi a fase mais dinâmica da companhia, em que se produzem, ou co-produzem, nos anos de 1954, 1955 e 1956, sete filmes - *Magia Verde* (1955), *Carnaval em Lá Maior* (1955), *Mãos Sangrentas* (1955), *Quem Matou Anabela?* (1956), *Getúlio, Glória e Drama de um Povo* (1956), *Pensão de D. Estela* (1956) e *Cinco Canções* (1955), além de *Leonora dos Sete Mares* (1955) e *Os Três Garimpeiros* (1955), de produtores "independentes".

Essa terceira fase constituiu-se em um autêntico "vale tudo", pois foram co-produzidas fitas internacionais, sendo que na maior parte dos casos a Maristela não desembolsou dinheiro, participando com seus ativos e pessoal técnico. Observou-se, igualmente, outra mudança significativa: Marinho aliou-se à Columbia, entregando-lhe a distribuição de seus filmes, pois as alternativas para que os produtores chegassem às salas exibidoras eram praticamente inexistentes, uma vez que a Columbia, a Universal e a UCB, esta última de Severiano Ribeiro Jr. (também comprometido com os trusts) dominavam o mercado.

O contato mais estreito com a Columbia fez com que em 1957 fosse assinado um contrato de coprodução para quatro filmes dos quais apenas dois - *Casei-me com um Xavante* (1958) e *Vou te Contá* (1958) - se concretizaram. Afora esses, *Arara Vermelha* (1957), *Rio, Zona Norte* (1957) e *O Grande Momento* (1958) contaram com pequena participação da Maristela.

A Maristela, que inicia suas atividades como uma sombra da Vera Cruz, vai, aos poucos, trilhando seu caminho próprio, alcançando plenamente na terceira fase, referida nas linhas anteriores. Comédias rápidas e baratas, coproduções nacionais e internacionais (estas últimas com mercado já garantido, de modo que os custos fossem recuperados a curto ou médio prazo), filmes de encomenda e aluguel de estúdios e equipamentos podem ser caracterizados como a tônica desse caminho próprio.

O negócio acaba fracassando a partir de certo momento, entre outras razões, devido à política que os trusts cinematográficos desenvolviam no país, lutando pelo congelamento do preço dos ingressos anos a fio, remetendo seus lucros para o exterior ao câmbio oficial do dólar - cotado então a Cr\$ 18,80, enquanto o dólar no câmbio paralelo estava perto de Cr\$ 100,00.

Assim, era impensável a qualquer produtora, que operasse nos moldes "tradicionais" (com estúdios a serem mantidos e

# a terra é redonda

conservados; *cast* e técnicos exclusivos, que recebiam salários, trabalhando ou não), sobreviver, contando quase exclusivamente com o mercado interno para obter o retorno do capital empregado. Sintomaticamente, uma “produção independente”, como *O Grande Momento*, foi concretizada em 1958 (ano em que a Maristela encerrou suas atividades) e Nélson Pereira dos Santos foi seu principal produtor, alugando estúdios, pagando os atores na base de participação em bilheteria e arrumando com outros, ainda, alguns apetrechos necessários. Paradoxalmente, Marinho Audrá foi um dos produtores da película.

Na verdade, o “prejuízo” acumulado pela Maristela ao longo dos anos foi bem menor que os enfrentados por Franco Zampari na Vera Cruz e Anthony Assunção na Multifilmes. Em 1958, quando rescindiu o contrato de co-produção que o prendia à Columbia, Marinho vendeu os terrenos de Jaçanã e continuou atuando como produtor cultural: parte do equipamento sonoro de sua empresa foi utilizada na constituição, juntamente com alguns amigos, da Grava-Som, firma pioneira da dublagem de filmes para a televisão – posteriormente, a Grava-Som se associou a uma subsidiária da Columbia, passando a se chamar AIC. Montou, também, o primeiro laboratório a trabalhar em cores no Brasil, chamado Policrom, depois vendido para a Líder. No início dos anos 1960 residiu na Espanha com sua mulher Ana Esmeralda, atriz e bailarina, tentando sem sucesso a coprodução internacional de *Yerma*, de García Lorca.

## 3.

A Multifilmes S. A. surgiu graças à sedução e à lábia derramada por Mário Civelli, ex-produtor na primeira fase da Cinematográfica Maristela, sobre Anthony Assunção, em meados de 1952. Assunção, no momento da constituição da Multifilmes, tinha 51 anos, era fazendeiro, vice-presidente de uma fábrica de montagem de automóveis, proprietário de uma indústria de rádios e de refrigerantes, de uma cadeia de lojas de eletrodomésticos e de grande patrimônio imobiliário.

De 1952 a 1954, a Multifilmes produziu as seguintes películas: *Modelo 19* (1952), *Destino em Apuros* (1953), *Fatalidade* (1953), *O Homem dos Papagaios* (1953), *Uma Vida para Dois* (1953), *O Craque* (1954), *A Sogra* (1954), *Chamas no Cafetal* (1954) e a coprodução com a Atlântida, *A outra face do Homem* (1954).

Ainda em 1952, a Multifilmes adquiriu equipamentos para filmagem, começou a produzir filmes cuja bilheteria é menor do que o investimento e, a partir de julho de 1952, iniciou a construção dos estúdios de Mairiporã. Até meados de 1953, com o capital declarado de 15 milhões de cruzeiros, a companhia já investira quase o dobro em instalações, equipamentos e produção. “A Grande Cidade do Cinema”, em julho de 1953, já tinha cerca de 200 empregados, 25 edifícios e se gabava de ser “a única empresa do Brasil que dispunha de maquinaria moderna para filmagens coloridas”.

A exemplo da Vera Cruz, a Multifilmes pretende ser uma “escola de cineastas”, produzindo, além dos filmes de longa-metragem comerciais, “documentários culturais sem fins lucrativos”, que servirão de iniciação a futuros cineastas brasileiros, “constituindo oportunidades para que as nossas equipes aperfeiçoem continuamente suas possibilidades técnicas”.

O *cast* da cinematográfica reunia, entre outros, Procópio Ferreira, Paulo Autran, Beatriz Consuelo, Hélio Souto, Orlando Vilar, Jaime Barcelos, Luigi Picchi, Ludy Veloso, Armando Couto, Elísio de Albuquerque e Inezita Barroso.

Acumulando sucessivos fracassos de bilheteria, a situação financeira da Multifilmes é, no início de 1954, delicada. A empresa passa por sucessivas reformulações, mas o resultado continua sendo desfavorável. Nessa época a companhia lança *Chamas no Cafetal*, um drama dirigido por José Carlos Burle (elenco: Angelika Hauff, Guido Lazarini, Luigi Picchi, Áurea Cardoso). A produção se arrastou muito além do prazo previsto, em nada contribuindo para melhorar a situação da Multifilmes.

Anthony Assunção assume pessoalmente todas as dívidas da empresa, apesar de ser uma sociedade anônima, vendendo uma fazenda, vários prédios no centro da cidade e desfazendo-se de outros negócios. A partir desse momento, a

# a terra é redonda

Multifilmes abandona a produção autônoma e, a exemplo da Maristela, tenta sobreviver alugando estúdios e equipamentos e também participando de coproduções que não envolvessem o dispêndio de dinheiro. Assim, várias co-produções são anunciadas, mas a única que se realiza é *A Outra Face do Homem* (1954), co-produzida com a Atlântida do Rio de Janeiro e dirigida por J. B. Tanko (elenco: Renato Restier, Eliana Macedo, John Herbert, Carlos Tovar).

A Multifilmes vai morrendo aos poucos. Não há demissões coletivas, mas os artistas e técnicos vão sendo dispensados à medida que vencem os contratos. O equipamento vai sendo vendido em pequenos lotes e as atividades da companhia sofrem longos períodos de inatividade, até a paralisação total. Entretanto, Anthony Assunção (bem como os Audrá) teve seus terrenos de Mairiporã extremamente valorizados.<sup>[1]</sup>

\***Afrânio Catani** é professor titular aposentado da Faculdade de Educação da USP e, atualmente, professor sênior na mesma instituição. Professor visitante na Faculdade de Educação da UERJ (campus de Duque de Caxias).

## Referências

BERNARDET, Jean-Claude. Os irmãos inimigos. A década de 50. In: GALVÃO, Maria Rita & BERNARDET, Jean-Claude. *Cinema. Repercussões em caixa e eco ideológico (as idéias de "nacional" e "popular" no pensamento cinematográfico brasileiro)*. São Paulo-Rio de Janeiro: Brasiliense/Embrafilme, 1983.

CATANI, Afrânio Mendes. *A sombra da outra: a Cinematográfica Maristela e o cinema industrial paulista nos anos 50*. São Paulo: Panorama, 2002.

CATANI, Afrânio Mendes. A aventura industrial e o cinema paulista (1930-1955). In: RAMOS, Fernão (Org.). *História do Cinema Brasileira*. São Paulo: Art Editora, 1987, p. 189-297.

DUARTE, B. J. *À luz fosca do dia nascente* (v. 1). *Caçadores de imagens* (v. 2). Lâmpada cialítica: namoros com a medicina (v. 3) - *Crônicas da Memória*. São Paulo: Massao Ohno/Roswitha Kempf Editores, 1982.

DUARTE, B. J. *Cinema em São Paulo (1946-1956)*. Datilografado, s/d.

GALVÃO, Maria Rita. *Companhia Cinematográfica Vera Cruz: a fábrica de sonhos (Um estudo sobre a produção cinematográfica industrial paulista)*. (Tese de Doutorado). São Paulo, FFLCH/USP; 5 v., 1975.

GALVÃO, Maria Rita. *Burguesia e cinema: o caso Vera Cruz*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Embrafilme, 1981.

VIANY, Alex. *Introdução ao cinema brasileiro*. Rio de Janeiro: INL, 1959.

## Nota

[1] Pupublicado originalmente no *D.O. Leitura* (São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 19 (111), agosto de 1991, p. 11. O texto é uma recuperação da palestra apresentada em 28 de julho de 1989 no curso “Formação do Cinema Brasileiro”, promovido pela Secretaria de Estado da Cultura, sob a coordenação da Cinemateca Brasileira. Gostaria de agradecer a Rudá de Andrade (1930-2009) pelo convite feito na ocasião. Republicado em Afrânio Mendes Catani. *História do Cinema Brasileiro: 4 ensaios*. São Paulo: Panorama, 2004, p. 90-96.

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.**

**Ajude-nos a manter esta ideia.**

[\*\*CONTRIBUA\*\*](#)

A Terra é Redonda